



XI Congresso Português de Sociologia  
*Identidades ao rubro: diferenças, pertenças e  
populismos num mundo efervescente*  
Lisboa, 29 a 31 de março de 2021

**Secção/Área Temática:  
Sociologia do Consumo**

**“Postos à Prova no consumo de bens e no lazer” - mudanças nas práticas familiares das pessoas idosas em tempos de crise e de austeridade**

**COELHO, Patrícia;** Faculdade de Economia, Universidade do Algarve, Campus de Gambelas, Faro, Portugal, pmcoelho@ualg.pt

**SÃO JOSÉ, José;** Faculdade de Economia, Universidade do Algarve, Campus de Gambelas, Faro, Portugal, Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais e Humanas (CICS.NOVA), Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade NOVA de Lisboa, jsjose@ualg.pt

**MARTINS, João Eduardo;** Faculdade de Economia, Universidade do Algarve, Campus de Gambelas, Faro, Portugal, Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais e Humanas (CICS.NOVA), Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade NOVA de Lisboa, jrmartins@ualg.pt

**Resumo**

O combate à crise em 2008 introduziu a austeridade em Portugal. Este artigo dá conta dos resultados parciais de uma investigação qualitativa, na qual foram identificadas várias dimensões das práticas familiares das pessoas idosas onde foram introduzidas mudanças, como consequência da crise económico-financeira e das respostas à crise. O consumo de bens e o lazer foram das dimensões mais afetadas. Sabe-se muito pouco sobre esta problemática e, particularmente em Portugal, o conhecimento é muito limitado. Para se conhecer esta experiência vivida, entre outubro de 2016 e março de 2017, foram realizadas 28 entrevistas biográficas/narrativas a participantes com idades entre os 69 e os 92 anos, de ambos os sexos, residentes em Faro (Portugal) e com um perfil sociológico diversificado. Os principais resultados revelam que os contornos das mudanças no consumo de bens e no lazer são mais graves no Perfil “Socialmente Desvantajoso”, marcado por elevadas desvantagens distributivas e categoriais.

**Palavras-chave:** Consumo; Crise Económica; Austeridade; Pessoas Idosas



## 1. Introdução

A crise de 2008, a primeira do séc. XXI (Ross, 2016), teve o seu epicentro - como a crise de 1929 - nos Estados Unidos da América e, na visão de muitos economistas, pode ter sido a pior crise económica e financeira desde a Grande Depressão (Koos, 2017; Koos et al., 2017; 2017; Mamede, 2015). Em 2007, como consequência das hipotecas de alto risco do mercado imobiliário, a crise lançou inúmeras instituições de crédito no abismo financeiro e contagiou rapidamente a economia mundial. Em pouco tempo, a crise do *subprime* disseminou-se pelos sistemas bancário e financeiro do Velho Continente, levando a Zona Euro a mergulhar naquela que poderá ter sido a sua primeira crise financeira da história e que teve consequências sociais especialmente negativas (Touraine, 2014). Portugal foi dos países da União Europeia (UE) mais fortemente atingido pela crise económica e financeira (Eurofound, 2015; Glatzer, 2015; OCDE, 2014).

Ao contrário da crise de 2008, a crise das dívidas soberanas teve como palco a Europa. A forte queda do Produto Interno Bruto (PIB) e a descida abrupta das receitas fiscais fez disparar as dívidas, em particular nos países periféricos, entre os quais se incluiu Portugal (Santos, 2015). É perante este cenário macroeconómico que o Conselho Europeu decide, a partir de 2010, inverter toda uma política de apoio orçamental expansionista, particularmente, nas economias dos Estados-Membros com maiores défices e decretar um conjunto de políticas de consolidação orçamental, consideradas vitais não só para a estabilidade da Moeda Única e da Zona Euro, como para a recuperação da confiança dos mercados (Costa & Caldas, 2013). Esta reviravolta política abre definitivamente as portas à austeridade, a qual passa a fazer parte do repertório de respostas dos países da UE (embora com níveis diferentes de aplicação) para fazer face à crise (Blyth, 2013; Clarke & Newman, 2012).

Em 2011, a não aprovação do quarto Programa de Estabilidade e Crescimento, que ficou conhecido por PEC IV (2012-2014) na Assembleia da República conduz ao agravamento da situação política em Portugal. Este chumbo leva à queda do XVIII Governo Constitucional. A instabilidade política instala-se e o país vê-se incapacitado de obter financiamento através dos mercados regulares. É celebrado, em maio de 2011, o Memorando de Entendimento (MdE) entre o Governo demissionário e a

*Troika*, composta pela Comissão Europeia (CE), Banco Central Europeu (BCE) e o Fundo Monetário Internacional (FMI). O Programa de Assistência Económica e Financeira (PAEF) contemplou um empréstimo financeiro de 78 mil milhões de euros a ser desembolsado progressivamente até 2014, tendo como contrapartida a consolidação orçamental, um conjunto de profundas reformas estruturais e a capitalização do setor bancário. Do tempo do PAEF, ainda hoje restam marcas sentidas nos bolsos das famílias portuguesas, como é o caso da redução das deduções à coleta na Educação e na Saúde ou a subida da taxa do Imposto sobre o Valor Acrescentado (IVA) para 23%.

O XIX Governo Constitucional toma posse em junho de 2011. A estratégia governativa da coligação partidária de centro-direita considerava que os cortes na despesa para reduzir o défice estavam associados a expansões e não a recessões ou, por outras palavras, que as políticas recessivas seriam geradoras de um crescimento económico sustentado. Portugal entra, deste modo, numa política de austeridade sem precedentes na sua história recente (Jorge, 2014).

O relatório *Society at a Glance* (OCDE, 2014) destaca que os esforços de consolidação orçamental foram significativamente superiores em Portugal, por comparação à maioria dos outros países da UE. Em Portugal, a mediana dos rendimentos (um dos marcadores da crise e das medidas de austeridade) caiu 14% entre 2009 e 2013, ao passo de que em Espanha e Itália foi de 11% e 6%, respetivamente, enquanto na Grécia a descida foi significativamente superior (36%) (Matsaganis & Leventi, 2014).

Contudo, o nível de endividamento das famílias portuguesas já era dos mais elevados da Zona Euro, mesmo antes da execução do PAEF (Costa & Farinha, 2012). Há a assinalar, igualmente, uma forte consequência destas medidas, neste caso, a diminuição do poder de compra (Costa et al., 2014), que obrigou a maioria das famílias a adaptar os seus orçamentos familiares (Frade & Coelho, 2015) e a alterações nos consumos básicos, nomeadamente nos alimentares (Truninger et al., 2013). Gerstberger e Yaneva (2013) destacam que Portugal, assim como a Grécia e a Irlanda, foram os países em que a crise de 2008 teve mais efeitos a longo prazo nos padrões de consumo.

A quebra do poder de compra dos pensionistas é anterior ao PAEF e à atuação do XIX Governo Constitucional: teve início em 2010, com a atualização dos montantes

das pensões abaixo da inflação, e agravou-se em 2011, com o congelamento destes montantes e a implementação da Contribuição Extraordinária de Solidariedade (CES) (Silva et al., 2015). A extensão das medidas de austeridade sobre os pensionistas traduziu-se na tendência para cortar os subsídios e os valores nominais das pensões; em convergir as regras das pensões do setor público com as regras do Regime Geral da Segurança Social; em aumentar as contribuições dos beneficiários para os subsistemas públicos de saúde; e, por último, em sobretaxar os rendimentos dos pensionistas. O efeito destas medidas, apesar de anunciadas como extraordinárias e transitórias, provocou uma redução muito significativa no rendimento disponível de muitos idosos, mas com expressão mais acentuada nas pensões superiores a 1000 euros (Silva et al., 2015). Algumas das medidas mais controversas, como a Contribuição de Sustentabilidade (isto é, a redução permanente e definitiva das pensões de reforma) e os cortes nas Pensões de Sobrevivência (com a introdução da prova de condição de recursos), foram declaradas inconstitucionais pelo Tribunal Constitucional em 2014.

Estas medidas, em conjunto com outras de natureza fiscal, assim como o agravamento generalizado do custo de vida (ex.: aumento das tarifas de eletricidade, aumento das taxas moderadoras e fim das isenções automáticas na saúde, aumento das rendas de casas e dos títulos de transportes, entre outras) agravaram as condições de vida de milhares de idosos, sem terem efetivamente resolvido os problemas do Estado português (Capucha, 2014).

O *Global AgeWatch 2015* da *HelpAge International* destacou pela negativa o impacto da austeridade na população idosa portuguesa, em particular o corte das pensões e reformas, os cortes nos subsídios para os passes sociais e a redução dos serviços de transportes públicos. Nesse relatório, Portugal é avaliado como o terceiro pior país da Europa Ocidental em termos de bem-estar social e económico das pessoas idosas, entre dezanove países avaliados, só à frente de Malta e da Grécia. Estes dados devem recolher especial atenção, dado que se referem a um dos países mais envelhecidos do espaço europeu e do mundo e no qual a pobreza nos idosos é mesmo considerada um problema estrutural (Capucha, 2005).

No geral, sabe-se pouco ou quase nada sobre os impactos da crise e da austeridade nas vidas das pessoas idosas, tanto em Portugal, como em outros países europeus. Em Portugal, este grupo tem sido considerado num conjunto muito restrito de estudos, em

particular na área da saúde. O interesse da investigação sociológica portuguesa debruçou-se inicialmente na análise destes impactos, mas noutros grupos vulneráveis, tais como crianças (Wall et al., 2015) e pessoas com deficiência (Pinto & Teixeira, 2012).

Apesar de se reconhecer que os choques económicos têm impactos severos nos padrões de consumo e no bem-estar dos indivíduos (Koos, 2017) e de a Sociologia do Consumo ter dedicado alguma atenção a estes impactos, os contributos ainda são algo desagregados e pouco explorados, tanto em Portugal como noutros países (Alonso et al., 2015; Alonso et al., 2016; Alonso et al., 2017; Kaytaz & Gul, 2014).

Em Portugal, e na esfera do consumo, destacamos dois estudos quantitativos que colocam a tónica na crise e nos impactos da crise nas famílias portuguesas. Ao analisarem os consumos das famílias de classes médias, Mauritti e Martins (2014) verificaram que 74% dos inquiridos (com rendimentos entre os 10.000 e os 19.000 euros, os patamares de rendimento da maioria dos portugueses), declararam que o seu bem-estar e qualidade de vida haviam piorado. Entre as principais causas apontadas, surgem o aumento de impostos e do custo de vida, assim como a perda de apoios sociais. Já Lopes e Frade (2012) identificaram o sacrifício do consumo (principalmente nas férias e no lazer, mas também no vestuário e na alimentação) e a constituição de poupanças (na sequência do receio de desemprego, corte de salários e do aumento do custo de vida), como as duas principais tendências de enfrentamento da crise nos cinco anos subsequentes.

Em Espanha, um estudo qualitativo de Alonso e colaboradores (2015) reconheceu um conjunto de reações diferenciadas à crise de 2008 por parte dos consumidores. Por um lado, foram identificadas mudanças mais radicais, mas menos problemáticas, entre os socialmente mais desfavorecidos, uma vez que são dos grupos menos influenciados pela pressão consumista e mais habituados a enfrentar situações de necessidade. No lado oposto, as classes médias e altas revelaram ter experimentado a crise como algo novo e ameaçador. Este estudo sociológico também sinalizou as gerações mais jovens como os consumidores mais atingidos pela crise. Em 2017, um outro estudo realizado pelos mesmos investigadores focou-se nas perceções do consumo, entre 2010 e 2014, e constatou que a par da diminuição generalizada dos padrões de consumo, a narrativa da crise em Espanha havia sofrido mudanças (Alonso et al., 2017). Já na Lituânia, Urbanoviccius e Pikturniene (2010) depararam-se com duas respostas distintas por

parte dos consumidores à crise económica: enquanto as gerações mais novas (18-22 anos) tentaram manter os seus padrões de consumo, uma parte da geração mais velha (45-65 anos) reduziu as despesas familiares.

No presente artigo discutem-se os impactos da crise e da austeridade nos padrões de consumo e no lazer das pessoas mais velhas não institucionalizadas (65 e mais anos de idade), dando conta dos resultados parciais de uma investigação qualitativa realizada no âmbito da tese de doutoramento da primeira autora.

Para além da introdução, este artigo comporta cinco pontos. No segundo, faz-se uma clarificação de alguns conceitos relevantes, tais como os de “sociedade de austeridade” (Ferreira, 2011; 2012a; 2012b), “práticas familiares” (Morgan, 1996; 2011a; 2011b), “vidas interligadas” e “agência”, os dois últimos integrados na perspetiva do curso de vida (Bengtson, Elder & Putney, 2005; Elder Jr., 1985; 1994; 1997; 2005; Hitlin & Elder, 2007; Settersten, 2003). No terceiro ponto, damos a conhecer, de forma muito breve, a estratégia metodológica e as técnicas de recolha e de tratamento dos dados; no quarto revelamos os principais resultados, sendo que no quinto e último ponto, é feita uma reflexão sobre as principais conclusões e limitações desta investigação.

## **2. Orientações teórico-analíticas**

As “práticas familiares”, conceito desenvolvido pelo sociólogo da família David Morgan (1996; 2011a; 2011b), é uma das principais dimensões de análise e aquela que, em conjunto com as “vidas interligadas” e a “agência” (Bengtson et al., 2005; Elder Jr., 1985; 1994; 1997; Hitlin & Elder, 2007; Settersten, 2003), são abordadas no presente artigo. As “práticas familiares” permitem focar a lente analítica tanto ao nível micro, ao permitir olhar as famílias como uma realidade dinâmica, que os indivíduos constroem de forma flexível, ativa e regular nas suas vidas quotidianas, como ao nível macro, de modo a perceber como esta realidade é influenciada pela história e pela sociedade. Um segundo conceito mobilizado é o de “sociedade de austeridade” (Ferreira, 2011; 2012a; 2012b), que capta a dinâmica da perturbação dos padrões institucionais e individuais que se verificou na sociedade portuguesa mais recente. Neste sentido, pretende-se analisar como a “sociedade de austeridade” e tudo o que ela implicou, se manifestou nas vidas quotidianas das pessoas idosas e em que

dimensões das “práticas familiares” se registaram mudanças e quais os seus contornos. Quanto ao conceito de “vidas interligadas” parece-nos fundamental para explicar como um evento crítico (neste caso, a crise e as respostas à crise) na vida de um indivíduo pode levar a vários ajustamentos nas vidas daqueles a quem estão vinculados (Gouveia, 2014). Já a “agência” remete para a capacidade de os indivíduos fazerem escolhas (Heinz, 2016), mas altamente condicionadas pelo respetivo contexto histórico e social (Elder et al., 2003).

### **3. Metodologia**

Optou-se por uma estratégia de investigação qualitativa, com ênfase na Abordagem Biográfica/Narrativa (Bertaux, 2020; Gubrium & Holstein, 2008; Riessman, 2008). Esta abordagem qualitativa tem um ponto de partida verdadeiramente dinâmico, ao articular passado, presente e futuro, e consubstancia um exercício essencialmente narrativo, que reflete uma realidade objetiva, mas que na sua essência é subjetivo (Bertraux, 1981). A utilização da abordagem Biográfica/Narrativa permite retirar vantagem daquela que é, por excelência, a fase narrativa da vida (Freeman, 1997).

A pesquisa empírica foi realizada em Faro, concelho que concentra a maior percentagem de residentes da região do Algarve. É um território onde se verifica uma tendência de envelhecimento demográfico, pois a população idosa (65+) foi o grupo etário que, segundo os dados do Instituto Nacional de Estatística (INE), mais cresceu entre 2001 e 2011 (+26,2 p.p.).

A amostra é composta por vinte e oito pessoas idosas, com idades entre os 69 e os 92 anos, de ambos os sexos, de nacionalidade portuguesa e residentes no concelho de Faro. Foram entrevistadas dezanove mulheres e nove homens. Cinco participantes encontravam-se institucionalizadas em lar de idosos. O esforço efetuado para integrar um maior número de homens idosos na amostra viu-se, porém, nitidamente dificultado pela feminização destas faixas etárias, dada a esperança de vida das mulheres ser superior à dos homens.

Através de várias estratégias de amostragem (intencional, conveniência e bola de neve) foram selecionadas pessoas idosas, institucionalizadas ou não, de diferentes sexos, idades, posições sociais e situações conjugais. No entanto, este artigo apenas dá conta dos resultados relativos àquelas não institucionalizadas em lares de idosos. Isto

prende-se com o facto de o número na amostra de pessoas institucionalizadas ser reduzido (cinco) e, como tal, limitar uma análise comparativa entre institucionalizados e não institucionalizados. O trabalho de campo, realizado entre outubro de 2016 e março de 2017, salvaguardou, do início ao fim, o direito à informação e à autonomia, à participação voluntária, à garantia da confidencialidade dos dados, da privacidade e do anonimato dos participantes. Todos os nomes foram alterados por outros fictícios. A recolha dos dados terminou com a saturação empírica.

As entrevistas biográficas/narrativas foram analisadas através da *Framework Analysis* (Ritchie et al., 2014; Spencer et al., 2014), que se trata de uma técnica de análise temática de conteúdo, que além de permitir uma elevada transparência analítica, não tem como objetivo a quantificação e fixa o processo de categorização nos dados. As categorias correspondem ao nível de abstração mais desenvolvido e abrangente. A última etapa deste processo passou por combinar leituras verticais e horizontais dos dados, através da construção de um mapa (com todos os casos e todas as categorias) e tentar identificar padrões entre a categorias temáticas e entre as categorias temáticas e as características sociodemográficas dos participantes.

Mais detalhes sobre a estratégia metodológica são fornecidos em Coelho (2019:103-123)

#### **4. As mudanças nas Práticas Familiares**

Os resultados revelam que as mudanças introduzidas pelas pessoas idosas nas práticas familiares desdobram-se em seis dimensões: no lazer; no consumo de bens; nas relações intergeracionais; no presente e no futuro da família; na delegação de tarefas domésticas; e, por fim, no pagamento de medicamentos. Isto demonstra uma multiplicidade de domínios das vidas das pessoas idosas afetados de forma negativa e acentuada pela crise e pelas respostas à crise através da austeridade.

Os resultados revelam que as mudanças no consumo de bens e no lazer têm as suas especificidades em função dos perfis sociológicos dos participantes não institucionalizados. Com efeito, identificámos três perfis distintos: o “Socialmente Vantajoso”, o “Misto” e o “Socialmente Desvantajoso”. Contudo, é nos que mais divergem entre si, isto é, no “Socialmente Vantajoso” e no “Socialmente Desvantajoso”, que as mudanças são mais notórias e é precisamente este forte

contraste que iremos em seguida apresentar. Importa referir que estes perfis foram construídos a partir das características sociodemográficas dos participantes (ex.: idade, estado civil, nível de escolaridade, etc.) e da posição que estes ocupam na estrutura da classe social, tendo como referência os padrões de vida na velhice identificados por Mauritti (2004).

Façamos, então, uma breve descrição do primeiro perfil, o qual corresponde aos padrões de vida de “Velhice Autónoma” e de “Velhice Distintiva” (Mauritti, 2004) e que integra dez participantes, entre os quais apenas quatro são homens. Têm idades compreendidas entre os 69 e os 83 anos, sendo maioritariamente casados. Todos os participantes têm formação superior e ocupavam posições sociais mais favorecidas na estrutura de classe (eram, no ativo, Profissionais Técnicos e de Enquadramento). Quanto ao segundo perfil, pode ser associado aos padrões de vida de “Velhice Precária” (Mauritti, 2004) e tem oito participantes, entre os quais dois são homens. Têm idades entre os 70 e os 82 anos, cerca de metade vive só e a outra metade acompanhada. Apresentam percursos escolares curtos, mais de metade tem uma escolaridade equivalente ou inferior à antiga 4.<sup>a</sup> classe. Em relação aos lugares de classe, na sua maioria eram Empregados Executantes.

#### **4.1. Mudanças no Consumo de Bens**

O aumento generalizado do custo de vida e a subsequente redução do poder de compra, resultantes da crise e das respostas à crise, estiveram na origem de uma série de mudanças no consumo de diversos tipos de bens (não duráveis, semiduráveis e duráveis). O consumo tornou-se mais austero. As mudanças são apresentadas pelo tipo de produtos e serviços consumidos, um eixo de análise também utilizado por Zurawicki e Baidot (2005).

##### **4.1.1. Mudanças no Consumo de Bens não duráveis**

No consumo de bens não duráveis (ex.: alguns bens alimentares), as estratégias para fazer face a uma quebra dos rendimentos e a um menor poder de compra foram diferenciadas, em função dos respetivos perfis sociológicos. Uma maior preocupação em gastar melhor o dinheiro, em reduzir as compras ao essencial e ao mais económico

“Postos à prova no consumo de bens e no lazer”- mudanças nas práticas familiares das pessoas idosas em tempos de crise e de austeridade

e a evitar os gastos supérfluos foi uma tendência transversal ao perfil “Socialmente Vantajoso” e ao “Socialmente Desvantajoso”.

*“Não senti a crise e austeridade no sentido que tenho de tenho de deixar de fazer isto ou aquilo. (...) Não compro nos supermercados, prefiro os produtos dos mercados. São mais baratos e têm maior qualidade.”*

José, 75 anos, Professor, Reformado |Perfil Socialmente Vantajoso |

*“As coisas aumentaram, o dinheiro não dá para nada. Trouxe meia dúzia de coisas do Minipreço, trinta e tal euros! A gente só houve falar em dívidas. Eu nunca fui de comprar sem ter dinheiro para pagar. (...) Só compramos o que faz falta, só compramos as promoções.”*

Joana, 77 anos, Auxiliar, Reformada |Perfil Socialmente Desvantajoso |

Contudo, em alguns dos casos do perfil “Socialmente Desvantajoso” houve a necessidade de pura e simplesmente cortar nos produtos que representavam uma maior despesa mensal e passar a fazer um melhor aproveitamento dos alimentos. No entanto, estes pequenos reajustamentos chegaram a um ponto em que se tornaram insuficientes para contornar as dificuldades registadas no dia-a-dia e isto fez com que certos participantes, por forma a garantir alguma segurança alimentar, não tivessem outra hipótese senão fazerem-se valer do suporte das Instituições Particulares de Apoio Social (IPSS).

*“Tive que ir encolhendo. Se tinha que comprar carne, não comprava e foi assim que fui fazendo em relação a tudo. Depois passei a pedir ajuda aqui à instituição CXP. (...) Trabalhei uma vida inteira, trabalhamos tantos os dois. E agora não podemos comer aquilo que nos apetece. Acredite que é verdade... Hoje fiz um feijão com repolho logo para dar para amanhã, se não for assim não dá.”*

Eva, 79 anos, Operária, Reformada |Perfil Socialmente Desvantajoso|

#### **4.1.2. Mudanças no consumo de bens semiduráveis**

No perfil “Socialmente Vantajoso”, e em virtude da queda generalizada do poder de compra, os resultados reportam um conjunto de comportamentos que os participantes

não se viam na contingência de adotar antes da crise (ex.: moderar as compras tanto de calçado, como de vestuário).

*“Deixei de fazer tantas compras, comprar menos roupa, aproveitar mais as coisas e olhe dar menos prendas (...) e se a crise teve alguma coisa de positivo, foi mesmo essa. Foi a pessoa começar a dar mais valor ao dinheiro e que esta situação pode voltar a acontecer.”*

Teresa, 69 anos, Professora, Reformada |Perfil Socialmente Vantajoso|

Por sua vez, atendendo à situação de grave carência económica vivida pelos participantes do perfil “Socialmente Desvantajoso”, estes não tiveram outro remédio senão desviar o pouco dinheiro que lhes restava para tentar suprir outras necessidades mais básicas, o que levou a que o consumo deste tipo de bens semiduráveis fosse completamente posto de parte.

*“A minha reforma e a do meu marido, as duas juntas nem chegam aos 550 euros! Se dessem um subsídio a mais, para comprar uns sapatos, uma roupinha, a gente comprava. Assim, não dá para nada (...). Tinha muitas amigas, era muito divertida e agora... Agora afastei-me delas, porque não tenho possibilidades de as acompanhar e não me sinto bem. Não tenho uma roupa nova, nada.”*

Eva, 79 anos, Operária, Reformada |Perfil Socialmente Desvantajoso|

#### **4.1.3 Mudanças no consumo de bens duráveis**

Quanto às mudanças no consumo de bens duráveis (eletrodomésticos, mobiliário, automóveis, etc.), ou seja, nos bens de maior valor, encontram-se apenas entre os participantes do Perfil “Socialmente Vantajoso”. No Perfil “Socialmente Desvantajoso” não restava mais folga para fazer cortes, pois os que eram possíveis fazer já haviam sido feitos. A compra destes bens também se tornou muito mais limitada e objeto de uma maior reflexão, por comparação ao período pré-crise.

*“E no consumo, passei a comprar mais racionalmente. A limitar as despesas. Por exemplo, tínhamos um frigorífico já velhote que tínhamos que substituir, pois agora vai ter que aguentar mais uns tempos. Um carro com já alguns anos, pois vai ter que aguentar mais uns tempos. As despesas tiveram que baixar...”*

Carlos, 70 anos, Professor, Reformado |Perfil Socialmente Vantajoso|

## 4.2. Mudanças no Lazer

Na esfera do lazer, foram identificados dois domínios particularmente afetados: a realização de férias/viagens e as atividades de restauração (ex.: fazer refeições fora de casa). O corte, parcial nuns casos e radical e definitivo noutros, foi o principal reajustamento feito pelos participantes.

### 4.2.1. Cortes nas Viagens e nas Férias

No domínio das viagens e das férias, assistiu-se à renúncia destes consumos: parcialmente entre os participantes do perfil “Socialmente Vantajoso” e por completo nos participantes do perfil “Socialmente Desvantajoso”.

*“Eu sempre fui muito económica. Eu por norma não gastava tudo o que tinha. Eu ia encolhendo o que gastava e, neste momento, encolho ainda mais (...) Agora penso duas vezes antes de viajar. 200 euros antes era barato, agora talvez não seja mais.”*

Laura, 83 anos, Professora, Reformada |Perfil Socialmente Vantajoso|

Abdicar destas atividades de lazer foi uma decisão particularmente dolorosa, sobretudo entre aqueles que não tiveram outra opção se não cortar totalmente, isto porque implicou uma rutura com um dado estilo de vida e a privação de algo que era objeto de elevada satisfação pessoal. Este sentimento de perda é encontrado em ambos os perfis sociológicos, como se pode observar nas narrativas abaixo.

*“Fez muito diferença. Isto tudo começou com o Euro, depois veio o Sócrates e o Coelho. Essa gente deu cabo da nossa vida toda. Deixei de comprar, deixei de sair, deixei de ir às excursões do Inatel, aumentaram tanto o preço. Passeei tanto, adorava aquilo. Dançámos, cantávamos, era tão divertido. Foram os melhores tempos da minha vida!”*

Eva, 79 anos, Operária, Reformada |Perfil Socialmente Desvantajoso|

*“Nos anos anteriores, desde que me reformei até aquele momento, eu pude ir duas vezes ao Brasil em estadias prolongadas, a Goa (que era um antigo sonho meu), ao Egipto, a Zanzibar e deixei de poder de fazer estas viagens (...) Deixei de viajar. Esse foi mesmo a parte mais dura (...).”*

Duarte, 75 anos, Médico, Reformado |Perfil Socialmente Vantajoso|

É, de igual modo, observado que a crise fez mudar a perspetiva de alguns dos participantes sobre as viagens e as férias e a redefinir as prioridades nos respetivos projetos biográficos.

*“Olhe, eu cortei nas viagens (...). Por exemplo, as passagens de ano, simplesmente eu não vou. Eu antes não achava que este dinheiro era mal gasto e agora acho. Passou a haver prioridades. Agora, já não posso ir a todas.”*

Adélia, 71 anos, Agente de Viagens, Reformada |Perfil Socialmente Desvantajoso|

#### **4.2.2. Cortes nas Atividades de Restauração**

Em segundo lugar, damos a conhecer os cortes (parciais e radicais) efetuados nas refeições em restaurantes e cafés (ou seja, nas práticas alimentares em espaço público), que eram um hábito frequente entre alguns dos participantes. Recorde-se que o setor da restauração foi dos mais afetados com o aumento da taxa de IVA para 23%, o que fez aumentar os preços das refeições servidas (INE, 2012). Esta medida é uma herança que subsiste até aos dias de hoje.

Quanto aos cortes parciais, foram mais comuns entre os participantes do perfil “Socialmente Vantajoso”.

*“A crise internacional leva-nos a tomar medidas que nós nunca tomaríamos por iniciativa própria. E, no consumo, passei a comprar mais racionalmente. A limitar as despesas. (...) Se consideramos que ir ao restaurante com a família é um ato social com algum significado, sim, aqui houve que cortar alguma coisa.”*

Carlos, 70 anos, Professor, Reformado |Perfil Socialmente Vantajoso|

Os cortes mais radicais e que levados ao extremo levaram à cessação completa, deram-se apenas no perfil “Socialmente Desvantajoso”.

*“Deixei de comer fora, porque sozinho não vou, agora é porque também não posso. Não é que não me apeteça... Mas não tenho vida para isso (...) Mas se fizer isso, fico sem dinheiro... E deixei de fazer tudo o que gostava, até tomar uma bica. Até isso hoje não faço.”*

Gil, 71 anos, Cozinheiro, Reformado |Perfil Socialmente Desvantajoso|

## **5. Discussão dos resultados e notas conclusivas**

Crises e mudanças estão fortemente associadas (Starkeet al., 2013), sendo sabido que os indivíduos são afetados de forma diferente pelas crises e diferem na forma como adaptam o consumo (Koons, 2017). Assim, e relativamente ao contorno das mudanças introduzidas nas práticas familiares no consumo de bens e no lazer, estes diferem de acordo com os respetivos perfis em análise.

No perfil “Socialmente Desvantajoso”, os contornos foram graves, preocupantes e bloqueadores de uma participação social plena. Os reajustamentos que as pessoas idosas se viram obrigadas a fazer, a cessação do consumo de alguns bens alimentares e de compra de vestuário ou ainda o corte radical das atividades de restauração, férias e viagens, relegou-as para as margens da sociedade e, nalguns casos, para situações de pobreza e de exclusão social. Neste perfil, encontramos o recurso ao apoio alimentar de IPSS. O recurso ao apoio institucional (Frade & Coelho, 2015) é, geralmente, a última opção, muitas vezes levada pelo desespero e em situações de elevada vulnerabilidade financeira (Lambie-Mumford et al., 2014). Apesar de Portugal apresentar um modelo de “Estado-Providência familista” (Portugal, 2008), no qual as famílias são a principal fonte de provisão de bem-estar e que absorvem um grande número de riscos sociais, estes participantes não pediram nem receberam ajuda alimentar por parte das suas famílias. Isto sucedeu por duas razões distintas: a primeira, porque não tinham quaisquer familiares próximos; e a segunda, os familiares, que até costumavam dar algum tipo de ajuda neste sentido, estavam agora eles próprios a passar também por dificuldades. Isto mostra a interligação das trajetórias das pessoas mais velhas com as trajetórias de vida dos familiares, e que prova ter impactos decisivos nas vidas de ambos, dando corpo ao constructo de “vidas interligadas” (Settersten Jr., 2003). Para além disto, importa destacar que neste perfil

não houve alterações no consumo de bens duráveis, pois não restava mais folga para fazer cortes, os que eram possíveis já haviam sido feitos.

Através de um estudo qualitativo, Sarasa e colaboradores (2020) identificaram cinco “estratégias de consumo resiliente” utilizadas pelas famílias para fazer face à crise económica em Espanha e manter a capacidade de aquisição: i) redução; ii) substituição; iii) compensação; iv) transferência e, por fim, v) integração. No perfil “Socialmente Desvantajoso” é observado que as “estratégias de consumo resiliente” passaram pela redução (levada ao limite), a compensação (ex.: fazer as compras em promoção) e a substituição (ex.: pedir a ajuda alimentar das IPSS).

O orçamento familiar destes participantes já estava orientado para a maximização dos recursos disponíveis e alguns já enfrentavam dificuldades há mais tempo (antes da crise), sobretudo com a entrada na reforma ou com a adesão ao Euro, em 2002. À luz da perspetiva do curso de vida, são indivíduos que se já encontravam numa trajetória de acumulação de desvantagens ao longo do tempo. Estes resultados empíricos também vão ao encontro de alguma literatura produzida neste âmbito (Farinha Rodrigues et al., 2016) e que contrariam a ideia de que, em Portugal, os grupos mais protegidos da crise e da austeridade teriam sido os mais pobres e vulneráveis.

Por sua vez, no perfil “Socialmente Vantajoso” os reajustamentos passaram pela adoção de um consumo mais controlado e pragmático e menos impulsivo, por comparação ao período pré-crise. Beatty & Ferrell (1998) encontraram uma associação entre uma menor disponibilidade financeira e uma diminuição das compras por impulso. Houve uma diminuição do consumo de bens e das atividades de lazer (restauração, férias e viagens), mas não um corte radical. Ao contrário do que aconteceu com as pessoas idosas pertencentes ao perfil “Socialmente Desvantajoso”, no perfil “Socialmente Vantajoso” o consumo de bens alimentares não foi afetado. A maioria deixou de comprar por impulso roupa e calçado, e no que toca a compras de maior valor, estas foram adiadas. A redução e a compensação foram as principais “estratégias de consumo resiliente” identificadas neste perfil (Sarasa et al., 2020).

Uma característica transversal aos dois perfis sociológicos em questão é a chamada “resiliência social” (Estevão et al., 2017; Folke, 2006; Hall & Lamont, 2013; Revilla et al., 2018). Ou seja, verifica-se que a crise e as respostas à crise não desencadearam reações passivas por parte das pessoas mais velhas, antes pelo contrário. Os resultados fazem saltar à vista o exercício de uma agência reflexiva que as fez repensar,

reestruturar e reorganizar a sua vida quotidiana e a mobilizar os recursos disponíveis (sociais, económicos e culturais) nos respetivos contextos e, em função disto, houve lugar a diferentes respostas adaptativas. Mais, observou-se que esta agência, aqui mais do que noutros grupos etários, é muito moldada pelas experiências do passado (Gray & Dagg, 2019). Isto é muito visível na resposta destes participantes à crise, ao recorrerem a algumas estratégias que confessam ser algo que já há muito ia ao encontro da maneira de ser e de estar na vida (tanto homens como mulheres). Não podemos perder de vista que estes são os “filhos” do Portugal do Estado Novo, que cresceram num país pobre e predominantemente rural e para quem esta crise não foi uma estreia absoluta nas dificuldades e na exiguidade de recursos.

Esta investigação qualitativa contém algumas limitações que importa pôr em perspetiva. A primeira é que não permite fazer comparações e generalizações. Neste caso, deve ser antes entendida como uma “porta de entrada” para outros estudos exploratórios, de modo a desenvolver-se o conhecimento sobre os impactos da crise e das respostas à crise em várias dimensões das práticas familiares das pessoas idosas, entre as quais o consumo, e nesta população em particular, o qual peca por ser escasso. Uma outra limitação tem a ver com a composição da amostra, que conta com uma fraca participação dos homens, impossibilitando uma análise comparativa rigorosa entre homens e mulheres.

Não obstante estas limitações, esta investigação traz alguns contributos com relevância sociológica. Em primeiro lugar, dá a conhecer como estes participantes (cujos rendimentos eram provenientes apenas de pensões e de reformas, umas mais baixas do que outras) experienciaram as mudanças nas práticas familiares, em específico nos padrões de consumo e no lazer num dado ciclo económico da sociedade portuguesa. Algumas destas experiências foram dolorosas, mas não inéditas para todos. Também dá conta das estratégias usadas pelas pessoas mais velhas para fazerem face à crise e às respostas à crise e, ao fazê-lo, procura romper com alguns dos estereótipos vulgarmente associados ao envelhecimento (ex.: passividade, dependência, isolamento, deterioração das capacidades físicas e mentais, falta de autonomia, entre outros).

Em segundo lugar, contribui para a compreensão sociológica das crises e das forças de transformação por si geradas. A crise (ou as crises) continua na ordem do dia. Cada vez menos passageiras, cada vez mais profundas. A crise económica deu

lugar à pandémica, mas deixou cicatrizes. Para Bauman & Bordoni (2016), as crises tornaram-se num estado endémico do mundo líquido e fazem-se notar pela ausência não só de estabilidade financeira, mas sobretudo de estabilidade existencial. Já Koos e colegas (2017) sustentam que as crises, em particular as económicas, tornaram-se uma parte integrante das sociedades modernas capitalistas. Wieworka (2009) sustenta que a Sociologia se tem debatido com uma certa dificuldade em compreender este tipo de fenómenos de rutura. Nesta ordem de ideias, procurou-se olhar para esta crise em particular, não só como um evento perturbador (Morin, 1976), mas também como aquele que permite destapar um conjunto de processos que num *status quo* normal permaneceriam invisíveis (Wieworka, 2009).

Finalmente, estes resultados reforçam a necessidade de políticas públicas para mitigar os efeitos da crise e da austeridade neste segmento da população. É possível antecipar alguns (mas não todos) dos impactos das crises e das respostas à crise, em particular nos padrões de consumo da população. Isto porque o “consumo resiliente” tem custos, a médio e longo prazo, tanto para a saúde dos consumidores, como para a sociedade (Sarasa et al., 2020). Este facto ganha ainda um maior peso nos grupos mais vulneráveis, como é o caso das pessoas idosas, onde prevalecem as comorbidades. É preciso produzir um conhecimento mais sistemático e detalhado sobre estes impactos através do trabalho multidisciplinar com os profissionais de saúde e outros cientistas sociais, que podem contribuir com outros saberes e outras metodologias de trabalho. Por fim, mas não menos importante, a agenda da investigação deve dar um maior destaque à compreensão sociológica das vidas e das práticas familiares das pessoas idosas, uma das categorias mais representativas da sociedade portuguesa. A ausência de visibilidade sociológica pode ser meio caminho andado para as colocar (ainda mais) à margem da agenda das políticas públicas.

### **Nota**

Por decisão pessoal, os autores do texto escrevem segundo o novo acordo ortográfico.

## Referências Bibliográficas

- Alonso, L. E., Rodríguez, C. J. F., & Rojo, R. I. (2015). From consumerism to guilt: Economic crisis and discourses about consumption in Spain. *Journal of Consumer Culture*, 15 (1), 66-85.
- Alonso, L.E, Rodríguez, Carlos J. F. & Rojo, R. I. (2016). Entre la austeridad y el malestar: discursos sobre consumo y crisis económica en España. *Revista Española de Investigaciones Sociológicas*, 155: 21-36.  
<http://dx.doi.org/10.5477/cis/reis.155.21>
- Alonso, L. E., Rodríguez, C. J. F., & Rojo, R. I. (2017). “I think the middle class is disappearing”: Crisis perceptions and consumption patterns in Spain. *International Journal of Consumer Studies*, 41:389–396.  
<http://dx.doi.org/10.1111/ijcs.12352>
- Bauman, Z. & Bordoni, C. (2016). *Estado de Crise*. Lisboa: Relógio d’Água Editores.
- Beatty, S., & Ferrell, E. (1998). Impulse buying: Modeling its precursors. *Journal of Retailing*. 74(2), 169-191
- Beatty, S., & Ferrell, E. (1998). Impulse buying: Modeling its precursors. *Journal of Retailing*, 74(2), 169-191. [http://dx.doi.org/10.1016/S0022-4359\(99\)80092-X](http://dx.doi.org/10.1016/S0022-4359(99)80092-X)
- Bengtson, V., Elder Jr., G. & Putney, N. (2005). The life-course perspective on ageing: linked lives, timing, and history. In M. Johnson (Ed.), *The Cambridge Handbook of Age and Ageing* (pp. 493-501). Cambridge: Cambridge University Press.
- Bertaux, D. (Org.) (1981). *Biography & Society: The Life History Approach in the Social Sciences*. Sage Studies in International Sociology.
- Bertaux, D. (2020). *As Narrativas de Vida*, Lisboa: Mundos Sociais.
- Blyth, M. (2013). *Austerity: The history of a dangerous idea*, Oxford University Press.
- Capucha, L. (2005). *Desafios da Pobreza*. Oeiras: Celta Editora.
- Capucha, L. (2014). Envelhecimento e Políticas Sociais em Tempos de Crise. *Sociologia, Problemas e Práticas*, CIES-IUL/Editora Mundos Sociais, N.º 74, 113-131.
- Clarke, J & Newman, J. (2012). The Alchemy of Austerity. *Critical Social Policy* 32, 299-319.

- Costa, S. & Farinha, L. (2012). O endividamento das famílias: uma análise microeconómica com base nos resultados do ISFF. *Relatório de Estabilidade Financeira-Maio de 2012*, Banco de Portugal.
- Coelho, P. (2019). *Postos à prova: Um olhar sociológico sobre as práticas familiares de pessoas idosas em tempos de Crise e de Austeridade*. Tese de Doutoramento em Sociologia, Universidade do Algarve.
- Costa, A. & Caldas, J. (2013). A União Europeia e Portugal entre os resgates bancários e a austeridade: um mapa das políticas e das medidas. In Observatório sobre Crises e Alternativas/Centro de Estudos Sociais (CES), *A Anatomia da Crise: identificar os problemas para construir alternativas-1.º Relatório do Observatório sobre Crises e Alternativas* (pp. 72-107). Coimbra.
- Costa, H., Dias, H. & Soeiro, J. (2014). As greves e a austeridade em Portugal: Olhares, expressões e recomposições. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 103 [Online] Disponível: <http://rccs.revues.org/5584>.
- Elder Jr., G. (1985). Perspectives on the life course. In G. Elder Jr. (Ed.), *Life Course Dynamics: Trajectories and Transitions* (pp. 23-49). Ithaca, New York: Cornell University Press.
- Elder Jr., G. (1994). Time, agency and social change: perspectives on the life course. *Social Psychology Quarterly*, 57, 5-15.
- Elder Jr., G. (1997). The life-course and human development. In R. Lerner (Ed.), *Handbook of child psychology, Theoretical models of human development* (pp. 939-991). New York: John Wiley.
- Elder Jr., G., Johnson, M. & Crosnoe, R. (2003) The Emergence and Development of Life Course Theory. In J. Mortimer, T. Shanahan & J. Michael (Eds.), *Handbook of the Life Course*. ( 3-19), New York: Kluwer.
- Estevão, P., Calado, A. & Capucha, L. (2017). Resiliência: de uma noção " heroica" a um conceito sociológico. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 85, 9-25.  
<http://doi.org/10.7458/SPP20178510115>
- Eurofound (2015). *Families in the economic crisis: Changes in policy measures in the EU*, Publications Office of the European Union, Luxembourg.
- Farinha Rodrigues, C., Figueiras, R. & Junqueira, V. (2016). *Desigualdade do Rendimento e Pobreza em Portugal: As Consequências Sociais do Programa de Ajustamento*, Fundação Francisco Manuel dos Santos.

- Ferreira, A. (2011). A sociedade de austeridade: Poder, medo e direito do trabalho de exceção. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 95, 119-136.
- Ferreira, A. (2012a). Política do Direito como Política de Austeridade. *Atas do VIII Congresso Português de Sociologia, 40 anos de Democracia, Progressos, Contradições e Prospetivas*, 2-13.
- Ferreira, A. (2012b). *A “sociedade de austeridade”: Poder, medo e direito do trabalho de exceção*, Ed. Vida Económica.
- Folke, C. (2006). Resilience: The emergence of a perspective for social–ecological systems analyses. *Global environmental change*, 16 (3), 253-267.
- Frade, C. & Coelho, L. (2015). Surviving the crisis and Austerity: The coping strategies of Portuguese households. *Indiana Journal of Global Legal Studies*, 22, 2, 631-664. Disponível em: <http://ijgls.indiana.edu/latest/>
- Freeman, M. (1997). Death, narrative integrity, and the radical challenge of self-understanding: A reading of Tolstoy’s Death of Ivan Ilych. *Ageing and Society*, 17, 373-398.
- Gerstberger, C. & Yaneva, D. (2013). Analysis of EU-27 household final consumption expenditure—Baltic countries and Greece still suffering most from the economic and financial crisis. *Eurostat Statistics in focus 2/2013*.
- Glatzer, M. (2015). Testing the resilience of civil society to the Euro Crisis, Portugal’s Welfare State and the Third Sector in the European Union. In B. Stefanova (Ed.), *The European Union beyond the Crisis: Evolving Governance, Contested Policies, and Disenchanted Publics*, London: Lexington Books.
- Gouveia, R. (2014). *Personal networks in Portuguese Society: a configurational and lifecourse approach*, Tese de Doutoramento em Sociologia, Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.
- Gray, J. & Dagg, J. (2019). Crisis, recession and social resilience: A biographical life course analysis. *Advances in Life Course Research*, Volume 42, ISSN 1040-2608. <http://doi.org/10.1016/j.alcr.2019.100293>
- Gubrium, J. & Holstein, J. (2008). *Analyzing Narrative Reality*, Los Angeles: Sage.
- HelpAge International (2015). *Global Age Watch 2015*. London.
- Hall, P., & Lamont, M. (2013). *Social resilience in the neoliberal era*. Cambridge: Cambridge University Press.

- Heinz, W. (2017). Conceptual foundations of qualitative life course research. *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, núm. 6, 20-37.
- Hitlin, S. & Elder Jr., G. (2007). Time, self, and the curiously abstract concept of agency. *Sociological Theory*, 25, 170-191.
- Instituto Nacional de Estatística (2001), *XV Recenseamento Geral da População, Resultados Definitivos Estatísticas* (online).
- Instituto Nacional de Estatística (2011), *XV Recenseamento Geral da População, Resultados Definitivos Estatísticas* (online).
- Instituto Nacional de Estatística (2012). *Inquérito às Despesas das Famílias 2010/2011*.
- Jorge, R. (2014). *Os 10 Erros da Troika em Portugal. Austeridade, sacrifícios e empobrecimento*. Lisboa: Esfera dos Livros.
- Kaytaz, M., & Gul, M. (2014). Consumer response to economic crisis and lessons for marketers: The Turkish experience. *Journal of Business Research*, 67, 2701-2706. <http://doi.org/10.1016/j.jbusres.2013.03.019>
- Koos, S. (2017). Crises and consumption. In M. Keller, B. Halkier, T. Wilska, & M. Truninger (Eds.), *Routledge handbook on consumption* (pp. 131–142). Oxon: Routledge.
- Koos, S., Vihalemm, T. & Keller, M. (2017). Coping with crises: Consumption and social resilience on markets. *International Journal of Consumer Studies*, 41: 363– 370. <http://doi.org/10.1111/ijcs.12374>
- Lambie-Mumford, H., Crossley, D., Jensen, E., Verbeke, M. & Dowler, E. (2014). Household Food Security in the UK: A Review of Food Aid. *Report to Defra*, 1-80.
- Mamede, R. (2015). *O que fazer com este país*. Lisboa: Editora Marcador.
- Matsaganis, M. & Leventi, C. (2014). The Distributional Impact of Austerity and the Recession in Southern Europe. *South European Society and Politics*, 19:3, 393-412.
- Mauritti, R. (2004). Padrões de vida na velhice. *Análise Social*, XXXIX (171), 339-363.
- Mauritti, R., & Martins, S. (2014). Consumos de classe média num Portugal em crise: Cultura, lazer e tecnologias de informação. *Sociologias*, 37, 144–175.
- Morgan, D. (1996). *Family Connections: An Introduction to Family Studies*, Cambridge: Polity Press.
- Morgan, D. (2011a). Locating Family Practices. *Sociological Research Online*, 16 (4).

- Morgan, D. (2011b). *Rethinking family Practices*. Hampshire, New York: Palgrave Macmillan.
- OCDE (2014). *Society at a glance 2014*, OECD Social Indicators, OECD Publishing. [http://doi.org/10.1787/soc\\_glance-2014-en](http://doi.org/10.1787/soc_glance-2014-en)
- Pinto, P. Teixeira, D. (2012). Avaliação do Impacto dos Planos de Austeridade dos Governos Europeus nos Direitos das Pessoas com Deficiência. <http://oddh.iscsp.utl.pt/index.php/pt/2013-04-24-18-50-23/publicacoes-dosinvestigadores-oddh/item/59-avaliar-o-impacto-das-medidas-de-austeridade-dos-governos-europeus-sobre-os-direitos-das-pessoas-com-defici%C3%A0ncia-relat%C3%B3rio-de-portugal>.
- Portugal, S. (2008). As mulheres e a produção de bem-estar em Portugal. *Oficina do CES*, 319.
- Revilla, J., Martín, P. & Castro, C. (2018). The reconstruction of resilience as a social and collective phenomenon: poverty and coping capacity during the economic crisis. *European Societies*, vol.20:1, 89-110. <http://doi.org/10.1080/14616696.2017.1346195>
- Riessman, C. (2008). *Narrative Methods for the Human Sciences*, Los Angeles: Sage.
- Ritchie, J., Lewis, J., Nicholls, C. & Ormston, R. (2014) (Ed.), *Qualitative Research Practice. A Guide for Social Science Students & Researchers*, Los Angeles, Sage.
- Ross, G. (2016). Austerity and New Spaces for Protest: The financial Crisis and its Victims. In M. Ancelovici, P. Dufour & H. Nez (Eds.), *Street Politics in the age of Austerity: from the Indignados to Occupy* (pp.43-66). Amsterdam: Amsterdam University Press. <http://doi.org/10.1515/9789048525461-003>
- Santos, E. (2015). Os Impactos macroeconómicos do Programa de Ajustamento. In M. Rodrigues & Silva, P. (Orgs), *Governar com a Troika: Políticas Públicas em tempo de austeridade* (pp. 417-432). Coimbra: Almedina.
- Sarasa, M., Pericacho, C & Martín, M. (2020). Consumption as a social integration strategy in times of crisis: The case of vulnerable households. *International Journal of Consumer Studies*, 44: 111– 121. <http://doi.org/10.1111/ijcs.12550>
- Settersten Jr., R. (2003). *Invitation to the Life Course: Towards New Understandings of Later Life*. Amityville, New York: Baywood Publishing Company.

- Silva, P., Joaquim, C. & Pereira, M. (2015). O Programa de Assistência Financeira e as Pensões. In M. Rodrigues & P. Silva (Orgs.), *Governar com a Troika: Políticas Públicas em tempo de austeridade* (pp. 317-345). Coimbra: Almedina.
- Spencer, L., Ritchie, J., Ormston, R., O' Connor, W. & Barnard, M. (2014). Analysis: Principles and Processes. In J. Ritchie, J. Lewis, C. Nicholls. & R. Ormston (Ed.), *Qualitative Research Practice. A Guide for Social Science Students & Researchers* (pp.269-293). Los Angeles: Sage.
- Starke, P., Kaasch, A., & Van Hooren, F. (2013). *The Welfare state as crisis manager. Explaining the diversity of policy responses to economic crisis*. Houndmills: Palgrave Macmillan.
- Touraine, A. (2014). *After the crisis*. Polity Press.
- Truninger, M., Teixeira, J., Horta, A., Alexandre, S. & da Silva, V. (2013). Estado Social e alimentação escolar: criatividade na austeridade. *Fórum Sociológico*, 23, 11-19.
- Urbonavicius, S. & Pikturniene, I. (2010). Consumers in the face of economic crisis: Evidence from two generations in Lithuania. *Economics and Management*, 15, 827–834.
- Wall, K., Almeida, A. de, Vieira, M., Cunha, V. (coord.) Rodrigues, L., Coelho, F., Leitão, M. & Atalaia, S. (2015) *Impactos da crise nas crianças portuguesas: indicadores, políticas, representações*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais.
- Wieviorka, M. (2009). La Sociologie et la Crise. Quelle Crise, et quelle Sociologie?. *Cahiers internationaux de Sociologie* 2, n.º 127, 181-198.
- Zurawicki, L. & Braidot, N. (2005). Consumers during crisis: responses from the middle class in Argentina. *Journal of Business Research*, 58(8), 1100-1109.